

Jornalismo sobre investigações: o avanço do fenômeno impulsionado pelas mudanças na rotina de produção de notícias¹

Nicolle TIMM²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

As novas plataformas de comunicação que surgiram como uma avalanche nas últimas vinte décadas também trouxeram uma série de mudanças na rotina de produção de notícias. Entre elas, o uso do *Whatsapp* fez com que a plataforma se tornasse não só uma das mais importantes formas de contato entre as pessoas, mas sim uma das principais ferramentas jornalísticas para apuração com fontes e recebimento de informações. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o impacto dessa mudança na rotina de produção no contexto de jornalismo sobre investigações, fenômeno observado há mais de dez anos e que, com o uso do *Whatsapp*, parece ter se intensificado, principalmente, nos portais de notícias.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo investigativo. jornalismo sobre investigações. *newsmaking*. fontes jornalísticas.

INTRODUÇÃO

Os avanços significativos que vieram com a era da informação trouxeram aos jornalistas uma série de artifícios e plataformas que se tornaram verdadeiros aliados na rotina de produção de notícias. A apuração e checagem a apenas um “*touch*” de distância facilitou e diminuiu os custos de uma produção que, antes, dependia de muitos outros fatores, como por exemplo logística para ir até o local do fato para verificar ou conversar com fontes presencialmente. O *WhatsApp* foi um dos grandes meios inovadores na comunicação, facilitando o contato, agilizando a resposta e sendo mais barato. No entanto, assim como se tornou um dos maiores aliados, também hoje é um dos meios mais traiçoeiros - substituiu práticas jornalísticas inegociáveis e, quando mal utilizado, pode se tornar um perigo para a rotina de produção de notícias. É verdade que, hoje, diante da rotina das redações, é quase impensável o contato com fontes sem o *WhatsApp*. A plataforma melhorou a comunicação indiscutivelmente, aumentando a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pós-graduada em Direito Penal e Criminologia pela mesma universidade, e-mail: timm.nicolle@gmail.com

agenda de contatos e possibilidades. Tornou, porém, ainda mais frequente a postura do chamado jornalista sentado - aquele que sequer sai da redação para produzir um conteúdo. Um profissional que desconhece totalmente a antiga “arte de sujar os sapatos” e talvez nem tenha ouvido falar na tão famosa expressão no campo jornalístico. Reflexo também de uma geração nova que, por ter crescido distante disso, desconhece a importância de um contato telefônico, de uma apuração direta - não que via *WhatsApp* não seja direta, mas a escrita de uma informação faz com que aquela seja repensada pela fonte, muitas vezes podendo ser alterada, risco que é menor quando se trata de uma conversa pessoalmente ou por telefone. É evidente que as redações cada vez mais apostam em pessoas mais jovens nas redações, diminuindo custos assim também. O enxugamento das redações e a transformação delas em ambientes jovens trouxeram não só inovações, mas acabaram por deixar de lado velhos hábitos fundamentais que só os jornalistas mais antigos conhecem - as “artimanhas” da profissão que fazem toda a diferença.

O JORNALISMO INVESTIGATIVO E O JORNALISMO SOBRE INVESTIGAÇÃO

No jornalismo investigativo, a queda nos investimentos foi ainda mais brusca. Solano Nascimento (2010) aponta que a área foi sendo substituída pelo chamado jornalismo sobre investigações, o qual ele aponta como um novo fenômeno no Brasil em sua tese de doutorado. Para o autor, os jornalistas passaram a ser nada mais do que “os novos escribas”, expressão que inclusive dá título à obra derivada da tese, em que os profissionais apenas reescrevem aquilo que recebem, sendo assim meros redatores, questionável inclusive o título de jornalista nesse sentido.

O jornalismo investigativo é um dos gêneros mais afetados no contexto atual de diminuição no número de profissionais dentro das redações e das economias feitas nas empresas de comunicação. O segmento, que antes era um espaço para poucos e corajosos atuarem, parece estar sendo confundido com o jornalismo sobre investigação - inclusive por próprios jornalistas que se dizem investigativos mas, na prática, reproduzem investigações. Entre uma das causas para essa transição que abandona uma das categorias jornalísticas mais fundamentais para garantir a liberdade de expressão e independência, pode estar a mudança na forma de contato com as fontes jornalísticas,

uma vez que, em meio a um vendaval de informações, muitas vezes publica-se uma notícia apenas com base em um *release* sobre determinada investigação/operação.

Com isso, nasce o jornalismo sobre investigação, que deixa de lado ferramentas próprias do jornalista para ceder espaço apenas a versões oficiais. Não há problema, em até certo ponto, a existência dessa forma de produção de notícia - o que não pode e não deve ocorrer é a confusão entre os conceitos dos dois, para que o jornalismo investigativo não deixe de ser praticado. Portanto, é fundamental compreender como tem se dado esse processo e de que forma as fontes, que são a base para uma notícia, têm papel fundamental nessa transição. Nesse cenário da contemporaneidade, é essencial entender como tem se dado esse processo e de que modo as fontes, que são a base para uma notícia, têm papel fundamental nessa transição.

Se Nascimento (2010) já alertava para essa mudança na produção de reportagens voltadas para investigações, agora o cenário é ainda mais avassalador. O *WhatsApp*, hoje podendo ser considerado o principal meio de comunicação, instalado em 99% dos celulares no Brasil, segundo dados recentes de pesquisa³, foi lançado em 2009. Mais de dez anos depois do lançamento, o aplicativo também trouxe mudanças comportamentais, sendo uma delas a falta da ligação telefônica, forma que, no jornalismo, poderia ser considerada uma das mais importantes na produção de uma notícia.

A ANÁLISE

Dado esse contexto, o objetivo deste estudo em andamento é analisar reportagens vinculadas em dois principais portais de notícias no Rio de Janeiro, o G1 RJ e o jornal O Dia, que prezam pela agilidade. Em meio à pressa, em várias matérias publicadas é possível perceber que o texto foi uma adaptação rápida de um *release* encaminhado por uma fonte oficial tendo, em muitos casos, sido trocadas apenas poucas palavras. Para dar base a esse trabalho, são utilizados conceitos trazidos por Nascimento (2010) e seu entendimento sobre o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil, reforçando a reflexão proposta pelo autor acerca da temática. Além disso, o estudo pretende abordar autores como Leonel Azevedo de Aguiar (2006) e Cleofe

³ Dados retirados de reportagem sobre a pesquisa disponível em:
<<https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/whatsapp-esta-instalado-em-99-dos-celulares-no-brasil-02032020/>> Acesso em 20.06.24

Monteiro de Sequeira (2005), que teorizam sobre o jornalismo investigativo. São consultados ainda Nilson Lage (2014) e Aldo Antonio Schmitz (2011), que abordam definições e classificações sobre fontes jornalísticas, a teoria e a técnica da reportagem, Nelson Traquina (2013), que escreve sobre o *newsmaking* através da compreensão de que as notícias veiculadas também têm relação com a cultura dos profissionais, e Sylvia Moretzsohn (2012), que versa sobre o jornalismo em tempos de Internet e a alta velocidade demandada para publicações. Outros autores também são abordados neste estudo, que busca evidenciar a relação entre essa mudança na rotina de produção de notícias, no que diz respeito às formas de contato com as fontes, com o avanço do jornalismo sobre investigações e as consequências dessa expansão.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel. GOULART DE ANDRADE, Ana Paula. (org.). **Teorias do Jornalismo e experiências profissionais: Múltiplas perspectivas**. 1. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.
- KOVACH, Bill. ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2003.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 6. ed. Revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil**. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.
- NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações: relações entre o Ministério Público e a imprensa**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

NASCIMENTO, Solano. **O surgimento da Lava Jato e o sumiço do jornalismo investigativo**: uma análise de Veja, Época e Istoé. V Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo. Universidade Anhembi-Morumbi. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. jun. de 2017. Disponível em: <https://seminario.abraji.org.br/wp-content/uploads/2023/04/SOLANONASCIMENTO_Abraji_2018.pdf> Acesso em 15 jun. 2024.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique. O 'Jornalista Sentado' e a Produção da Notícia *on-line* no CorreioWeb. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan-jun 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/85/45>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. 2011. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SEQUEIRA, C. M. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

STACCIARINI, Isa Coelho. NASCIMENTO, Solano dos Santos. **A relação entre o *Whatsapp* e erros jornalísticos: um estudo de caso**. Revista Alterjor. Universidade de São Paulo. Ano 10. Vol. 02. Edição 20. jul. - dez. de 2019. São Paulo. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157301>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TOLEDO, Camila Ferraz Martos de; BARBOSA, Raíssa Abdalla; ZALESKI, Sula de Castro; CHOI, Andréia Jung Yun; SANDOVAL, Adriana Paz; CARONE, Paula Cagliari de Alcântara; DEJAVITE, Fábica Angélica. Jornalismo Investigativo e sua substituição pela prática declaratória. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXX, 2007, Santos. **Anais...** Santos, SP: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1277-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, volume 1**: porque as notícias são como são. 4. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, volume 2**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 4. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2023.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa (Portugal): Editorial Presença, 1987.